

2

Perspectivas Teóricas sobre o Humor

O humor encontrado em diversas situações de vida tem sido objeto de estudo. Muitas pesquisas procuram entender e analisar os mecanismos responsáveis pela produção do humor a partir da análise de fenômenos lingüísticos. Apresentamos algumas destas pesquisas no âmbito da filosofia e da lingüística que serviram de fundamentação para a elaboração deste trabalho.

Este capítulo apresenta, primeiramente, na seção 2.1, a concepção de humor a partir da filosofia. A seção 2.2, aborda teorias propostas no âmbito da semântica; em seguida, a seção 2.3, investiga o humor na perspectiva interacional, considerando os estudos pragmáticos (2.3.1), os estudos sócio-interacionais (2.3.2) e a Análise da Conversa (2.3.3).

2.1.

A significação do cômico (Henri Bergson, 1900)

Por entender que o riso é um dos efeitos do cômico, Bergson (1900) abre o seu ensaio filosófico sobre a significação do cômico, refletindo sobre o riso. O autor segue o princípio lógico que diz serem os correlatos simultâneos e simultaneamente conhecidos, ou seja, ao esclarecer o significado do riso (o efeito), chega-se, de alguma forma, ao significado da causa, o cômico. Para Bergson (1900), o riso: (1) é uma condição exclusivamente humana, (2) necessita de eco, ou seja, ocorre sempre na presença de duas ou mais pessoas e (3) exige que somente a inteligência esteja ativa, as emoções devem ser caladas para que o seu efeito seja completo. Segundo Bergson, o cômico é acidental e acontece a partir de processos naturais. O autor acredita que quanto mais natural for a causa do cômico, mais cômico será percebido o seu efeito.

Por ser um elemento humano, o cômico só acontece em sociedade e, para Bergson, cada membro da sociedade deve estar atento ao seu entorno social, deve se modelar ao seu ambiente. Segundo o autor, a função social do riso é a de causar

embaraço, seja ele físico ou psicológico. Apesar de ser um processo acidental, o riso é por vezes interpretado como uma intenção não declarada de humilhação e correção social.

Segundo Bergson, “o requisito da vida e da sociedade para cada um de nós é um estado constantemente alerta que nos permite discernir a situação vivida, aliado a certa elasticidade da mente e do corpo para que possamos, conseqüentemente, adaptar-nos” (Bergson, 1900). Assim, a tensão e a elasticidade são duas forças complementares para a vida. O ser humano desconfia da falta de elasticidade, pois é um sinal de inatividade ao mesmo tempo em que parece apresentar tendências separatistas, inclinadas a sair do centro social. Bergson define o riso como um tipo de gesto social excêntrico ao restante da sociedade.

Bergson enumera alguns processos que facilitam e possibilitam o riso. A imitação, um desses processos, só é possível porque se foca no elemento não essencial do caráter daquele que é imitado. Para o autor, nosso estado mental está em constante mutação e se nossos gestos seguissem a risca esses movimentos, jamais teríamos gestos repetitivos. Portanto, somos propensos à imitação somente quando nossos gestos tornam-se mecânicos, e incitamos o riso toda vez que damos a impressão de ser uma coisa, ou seja, rimos de movimentos nos quais não se traduz o vivo. O mecânico é uma forma rígida de movimento.

A repetição é outro processo cômico citado por Bergson. A repetição de ações, ou seja, a combinação de circunstâncias que acontecem recorrentemente na sua forma original, que contrasta com a característica mutante do ser humano, abriga “dois termos em confronto: um sentimento comprimido que se distende como uma mola e uma idéia que se diverte em comprimir de novo o movimento” (Bergson, 1900).

Outro processo que possibilita o riso é a inversão de papéis ou a situação revertida. Rimos, por exemplo, de um vilão que se torna vítima da sua própria vilania ou do ladrão que acaba por ser roubado. Este processo mostra que o riso ocorre a

partir do choque de expectativas quanto a uma determinada situação. Não se espera que a vítima seja o vilão e nem que o ladrão seja roubado.

Além destes processos, Bergson cita a interferência recíproca como um mecanismo importante para a produção do cômico. “Uma situação é invariavelmente cômica quando pertence simultaneamente a duas séries de eventos independentes e é capaz de ser interpretada a partir de dois significados diferentes ao mesmo tempo” (Bergson, 1900). Apesar de não mencionar a ambigüidade, percebemos que é ela que se mostra como característica desse processo de interferência e a vemos como elemento importante para a construção do humor. A ambigüidade está presente em outras teorias sobre o humor, principalmente nas que tem o mecanismo de bissociação como base.

Outro processo importante relacionado ao cômico na visão de Bergson é o absurdo. Para ele, dizer ou fazer algo que não temos a intenção de dizer ou fazer é uma das fontes do cômico. O absurdo é reconhecido na língua a partir de frases prontas e fórmulas estereotipadas, ou seja, aquele que se expressa somente a partir desses termos em todos os contextos é percebido como cômico. Bergson menciona a rigidez do ato mecânico como uma das possíveis causas do cômico, e, na língua esta rigidez é vista a partir destes termos prontos e estereotipados. Assim, conclui que um significado cômico é obtido quando uma idéia absurda se posiciona numa forma bem estabelecida de uma frase.

Este estudo se mostra interessante para o presente trabalho, pois, apesar de apresentar um tratamento filosófico ao cômico, permite que façamos associações com outras perspectivas teóricas. Além disso, amplia a visão do cômico como um mecanismo social que tem a linguagem como cerne. Outra contribuição são os elementos propostos por Bergson como processos que facilitam e possibilitam o riso, vistos anteriormente: a imitação, a repetição, a situação invertida, a interferência recíproca, a ambigüidade e o absurdo.

2.2. O humor na Semântica

A bissociação (Koestler, 1964) é muitas vezes tida como a única condição necessária para o humor. Trata-se da percepção de uma situação a partir de dois enquadres constantes e incompatíveis. Norrick (1986) numa abordagem semântica, explica o humor a partir da teoria da bissociação associando-a à teoria de *frames*. O autor pretende desenvolver a noção de bissociação como *esquemas* em conflito. Para isso, identifica na teoria de *frames* o conceito de *esquema* que define como matrizes do conhecimento.

Para Norrick, que se vale da noção de *frame* desenvolvida por Minsky (1979), Rumelhart e Ortony (1977) e Schank e Abelson (1977), a teoria de *frames* expressa o conhecimento humano em forma de esquemas que são entendidos como leques de relações entre variáveis que representam agentes, objetos, instrumentos, etc. Estas variáveis podem ser compostas por valores estereotipados – default – que correspondem a padrões socialmente estabelecidos e conhecidos. *Scripts* são algumas atividades já internalizadas no senso comum como, por exemplo, ir a um restaurante ou a uma festa de criança (Norrick, 1986: 229).

Norrick observa que o significado literal de uma elocução só pode ser entendido em relação a um modelo de conhecimento anterior. Dessa forma, o autor faz uso dos conceitos de *frame* e *esquemas* para entender como se dá a construção do humor através da teoria da bissociação, que vê como um conflito de esquemas. A teoria da bissociação é explicada por Koestler da seguinte forma:

O padrão essencial de histórias de humor é a percepção de uma situação ou idéia, L, a partir de dois enquadres de referência constante, mas normalmente incompatíveis M1 e M2. O evento L, no qual há uma interseção entre os dois, é feito para vibrar simultaneamente em duas propagações diferentes. Durante esta situação atípica, L não está meramente ligado a um contexto associativo, mas sim, bissociado a dois.” (Koestler, 1964 apud Norrick, 1998: 226 [trad.minha])¹

¹The pattern underlying both [humorous] stories is the perceiving of a situation or idea, L, in two self-consistent but habitually incompatible frames of reference, M1 and M2. The event L, in which the two intersect, is made to vibrate simultaneously on two different wavelengths, as it were. While this

A figura 1, abaixo, pretende esclarecer a noção de bissociação como esquemas em conflito:

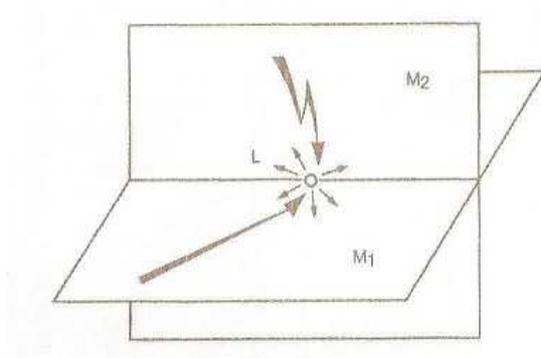


Figura 1.

Segundo Norrick, uma elocução qualquer é suficiente para ativar um ou mais esquemas e, assim, a partir da ativação de um determinado esquema, o interlocutor cria expectativas quanto ao que é pretendido pelo falante. Norrick exemplifica a noção de esquema da seguinte forma: “É tarde, tenho que ir.” (*It's late; I have to run*). Esta elocução evoca o esquema de fechamento de uma conversa. O interlocutor pode manter este esquema e continuar o fechamento da conversa com uma resposta como “Foi ótimo ver você” (*It's been nice seeing you*) ou pode não aceitar o esquema proposto como com a resposta “Espere aí, só mais uma coisa” e, assim, introduzir um novo esquema que choque com o proferido pelo falante.

Quando uma elocução ativa mais de um esquema ou mesmo quando ativa um esquema e depois este não é ratificado pelo falante, pode ocorrer um conflito de esquemas, o que fará com que a expectativa do interlocutor seja quebrada e, desta forma, podendo causar o efeito do humor ou o riso. Este conflito pode ser derivado da intenção do falante ou pode também ocorrer pela ambigüidade de uma elocução.

Entendemos que o esquema em conflito é condição necessária para a produção de humor, e mesmo que Norrick tenha considerado que este conflito possa

unusual situation lasts, L is not merely linked to one associative context, but bisociated with two (Koestler, 1964 apud Norrick, 1998: 226).

ocorrer em outros níveis que não somente semânticos, postulamos que este conflito não é suficiente para explicar a construção do humor. Além disso, é importante ressaltar que Norrick não trabalha com a coleta etnográfica de dados, o autor testa sua teoria em um corpus de dados previamente estipulado, o que interfere em seus resultados e não possibilita uma completa análise do enquadre de brincadeira a partir das interações de humor conversacional em situações de fala natural.

2.3.

O humor sob perspectivas Interacionais

2.3.1 O humor na Pragmática

Na perspectiva pragmática, Sperber & Wilson (Sperber & Wilson, 1981 apud Kotthoff, 2003) acreditam que o humor, mais especificamente a ironia, ou “qualquer elocução irônica é a menção de outra elocução.”² A ironia é entendida por estes autores como um “ato de fala prototípico que não usa o significado literal para transmitir uma mensagem, ao contrário, transmite-o como um eco ao mesmo tempo em que expressa uma atitude específica em relação a ele” (Sperber & Wilson, 1981 apud Kotthoff, 2003: 1391).

Para Kotthoff (2003), a ironia não apaga o que foi dito, ao contrário, comunica a diferença entre o dito e o implicado como sendo a informação mais relevante. O padrão pragmático oferece um procedimento de decodificação do humor que consiste em entender o sentido literal, reconhecer que não é apropriado no contexto local e, finalmente, gerar um significado apropriado. Kotthoff amplia este padrão acreditando que o entendimento da ironia se dá de forma direta. Na ironia, os dois níveis da elocução são processados, tanto o dito quanto o implicado (Kotthoff, 2003).

Kotthoff (2003) percebe a ironia como um procedimento social utilizado para evitar conflitos e assegurar a cooperação entre participantes com diferentes

² “Any ironical utterance is, in fact, the mention of another utterance” (Sperber & Wilson, 1981 apud Attardo, 1994:277).

expectativas e interesses. Para a autora, a ironia é uma forma socialmente aceitável de se comunicar opiniões diferentes.

Kotthoff (2003) identifica em seus dados de conversas entre amigos em jantares a seguinte interação: um dos convidados diz à anfitriã em relação à comida: “*Mais uma vez uma comida simples e enlatada*”³. Sabe-se que esta anfitriã sempre convida seus amigos para *algo simples*, mas serve em seus jantares pratos sofisticados, o que faz com que o ato de fala deste convidado possa ser entendido pelos que compartilham aquele esquema de conhecimento, como um ato irônico. A anfitriã/cozinheira mantém o ato irônico e responde: “*Eu realmente sei abrir uma lata.*” Kotthoff analisa este segmento como uma *afirmação negativa* que pretende fazer uma avaliação positiva e argumenta, portanto, que a ironia pode funcionar como uma avaliação positiva ao afirmar um enunciado negativamente. A partir de seus dados, Kotthoff conclui que a estratégia preferida em resposta a um enunciado irônico é a manutenção da ironia em prol da preservação da solidariedade (Kotthoff, 2003).

Attardo (1992), que também trabalha no âmbito da pragmática, se vale do Princípio da Cooperação proposto por Grice (1975) para analisar textos de piadas. Segundo Grice a comunicação bem sucedida é fruto de esforços cooperativos feitos pelos falantes. Grice formula o Princípio da Cooperação (PC) baseado no significado convencional das palavras – aquilo que se diz – e as implicaturas – o que se pretende dizer. O PC baseia-se na seguinte proposta: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado.” (Grice, 1975: 86) Para isso, o autor propõe quatro máximas que regulam o PC:

1. Máxima da Quantidade:

- 1.1. Faça sua contribuição tão informativa quanto for requerido
- 1.2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido

2. Máxima da Qualidade:

- 2.1. Não diga o que você acredita ser falso
- 2.2. Não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência

³ “Once again something simple out of a can” (Kotthoff, 2002:1411).

3. Máxima da Relação:

3.1. Seja relevante

4. Máxima do Modo:

4.1. Seja claro

4.1.1. Evite obscuridade de expressão

4.1.2. Evite ambigüidade

4.1.3. Seja breve

4.1.4. Seja ordenado

A implicatura conversacional, resultado de inferências feitas pelo ouvinte a partir de violações deliberadas das máximas (feitas pelo falante), é um recurso à disposição dos interagentes para comunicar informações que estão além do significado literal das elocuições. O ouvinte faz inferências sobre a intenção do falante apoiado no contexto em que ocorre a interação.

De acordo com Grice, a implicatura conversacional possui os seguintes traços: (1) pode ser explicitamente cancelada e anulada a partir de uma frase adicional que afirma que o falante decidiu não observar o PC; (2) não é possível encontrar outro modo de dizer a mesma coisa que não veicule a implicatura em questão; (3) os implicados conversacionais não são parte do significado das expressões cujo uso as produz; (4) a implicatura não é veiculada pelo que é dito em si, mas somente pela expressão daquilo que é dito; (5) o implicado terá exatamente o tipo de indeterminação que muitos implicados efetivos parecem ter. A noção de implicatura, portanto, parece explicar como é possível dizer mais do que é explicitado literalmente e, dessa forma, contribui para que se entenda melhor o discurso do humor.

Attardo (1992) procura esclarecer que as piadas conseguem transmitir informações ao mesmo tempo em que violam o PC, o que parece tratar-se de um paradoxo, pois, se as máximas pretendem orientar como se transmitem informações, a violação das mesmas deveria, conseqüentemente, não ser um texto capaz de transmitir informações. O autor esclarece com exemplos de piadas a violação de cada uma das máximas e, a partir daí procura explicar o paradoxo criado. Argumenta que as piadas são trocas interacionais bem sucedidas e que funcionam enquanto piadas, ou

seja, têm o objetivo de criar um estímulo humorístico e a reação do ouvinte confirma a intenção do falante.

Segundo Attardo, outra explicação para este paradoxo é a sugestão de que as piadas não violam o PC. O autor argumenta que se o ouvinte está consciente de que o falante irá violar o PC, logo nenhuma violação “real” acontece. Quando o falante pretende contar uma piada, algumas pistas lingüísticas ou não lingüísticas serão identificadas pelo ouvinte e, desta forma, este poderá se preparar para a piada e criar expectativas quanto a ela. Expectativas estas que o farão antecipar a violação do PC, e, assim, não percebê-la como uma violação.

É importante esclarecer que a teoria proposta por Attardo baseia-se no humor advindo das piadas e nem sempre o que se conclui a partir destes dados é aplicável também ao humor conversacional. Estes estudos entendem o humor como violação das máximas de Grice e, apesar de levarem em conta que grande parte das interações do dia a dia são marcadas por estas violações, não se analisa a troca de turnos mais especificamente para entender a construção sequencial do humor.

2.3.2 O humor na Sociolingüística Interacional

Os estudos acerca do humor feitos a partir de uma perspectiva interacional contribuem para um melhor entendimento do humor situado em um determinado momento de fala, levando em conta situações de fala natural.

Nenhuma taxonomia das formas ou funções do humor seria completa a partir de uma abordagem interacional (Crawford, 2003:1430). Entende-se que a significação do humor depende principalmente do contexto em que ocorre. O significado de um enunciado é produzido localmente e, por isso, os resultados de pesquisas nesta perspectiva são resultados situados naquele contexto estudado.

Abordamos, nesta seção, a diferença entre a piada e o humor conversacional, conceito do qual se vale a maioria dos estudos que tratam do humor na perspectiva interacional e, em seguida, apresentamos alguns destes estudos.

A piada é um humor ritualizado na estrutura de um ato de fala específico. Apesar de ser claramente parte do humor, é certo que o humor é uma categoria mais ampla e indefinida do que o termo “piada” implica. Contar uma piada é um ato de fala específico, uma expressão formulaica que termina com um remate (*punch line*) que produz, ou pretende produzir o riso.

Segundo Possenti, assim como o humor conversacional, a piada incide sobre campos socialmente controversos e para que o texto surta o efeito desejado, a controvérsia deve estar suficientemente popularizada. No entanto, uma diferença entre humor conversacional e piada é que o primeiro emerge espontaneamente na conversa natural, ao passo que a piada é introduzida por um prefácio e se caracteriza pela sustentação do turno por apenas um dos falantes. A sustentação do piso conversacional sem interrupções por um único falante, por tempo suficiente para chegar ao remate (*punchline*) pode interromper o andamento da troca de turnos natural em conversas espontâneas. Portanto, nem sempre a piada introduzida numa troca conversacional é bem-vinda.

Coates (2007), ao estudar o humor conversacional, procura, em primeiro lugar, estabelecer a diferença entre o humor que emerge de piadas e o que chama de humor conversacional. Segundo a autora, o humor conversacional, diferente da piada, é essencialmente colaborativo, ou seja, é necessário que haja uma negociação do enquadre de brincadeira para que ele aconteça. O humor conversacional depende de conhecimento compartilhado entre os falantes e também de conhecimento sobre as normas do grupo.

Ao olhar para o humor conversacional, através da análise de conversas informais entre amigos, Coates (2007) segue a mesma linha de Jefferson et al. (1978) em *Notes on laughter in the pursuit of intimacy* e argumenta que a conversa, como uma brincadeira, compartilha características com a música, particularmente com o jazz, dando forte importância à característica colaborativa dos dois.

Crawford (2003) e Davies (2003) consideram a solidariedade como uma das principais funções do humor. Crawford, que faz uma revisão crítica de pesquisas em gênero e humor, considera simplista a classificação do humor entre as mulheres com a função de estabelecer solidariedade e construir intimidade, e o humor entre os

homens, funcionando como uma forma de competição por status. Para a autora, esta classificação é remanescente de uma abordagem amplamente criticada quanto às diferenças entre gêneros. Crawford (2003) acredita no humor situado e postula que a forma ou função do humor, são dependentes do contexto em que se inserem.

Ao analisar as interações entre alunos de inglês como segunda língua e falantes nativos, Davies (2003) postula que a comunicação entre nativos e alunos é alcançada indiretamente a partir de construtos co-construídos de piada e humor conversacional. A comunicação acontece quando estes participantes demonstram um entendimento ao entrar no enquadre de brincadeira que foi proposto pelo outro. Para Davies, o entendimento harmonioso visto nos seus dados explica porque a habilidade de se participar de uma interação de humor conversacional ou de uma piada é tão importante para a criação e o estabelecimento de rapport.

Outra função do humor numa interação conversacional, que se apoia na diferença cultural, é a construção de alianças entre participantes. Para Strahle (1993), que também analisa dados de conversas entre amigos, as alianças entre os participantes são formas não ameaçadoras de se construir rapport (Strahle, 1993: 211). Strahle acredita que o humor, mais especificamente a provocação bem humorada, é uma forma socialmente aceita de se mostrar a combinação peculiar entre amizade e antagonismo. Este humor, acrescenta, varia de acordo com a cultura em que está inserido.

Coates (2007) também postula a capacidade do humor de criar solidariedade. Para Coates (2007) uma das grandes vantagens do discurso de humor é que nos permite explorar, em novas formas, assuntos difíceis de serem mencionados socialmente, tais como tabus e críticas de forma a manter a solidariedade existente entre o grupo.

Uma forma de se atingir a solidariedade em grupo é, segundo a autora, a partir de repetições. Para Coates, a repetição é um elemento que caracteriza o humor conversacional, podendo ocorrer em diferentes níveis, a saber, lexical, sintático ou semântico. A repetição lexical é composta por expressões que emergem localmente e passam a ter significado compartilhado de humor. A repetição sintática é identificada

a partir de um mesmo padrão sintático e a semântica é feita por palavras diferentes, mas com o mesmo significado local.

Coates (2007) também analisa o riso e acredita que ele permite que os participantes, quando num enquadre de brincadeira, sinalizem tanto o seu constante envolvimento em relação ao que está sendo dito, quanto a sua constante presença no piso conversacional. O riso também é reconhecidamente responsável por marcar o final de um enquadre de brincadeira. Mas, apesar do riso ser a forma mais culturalmente estabelecida de se identificar o humor nas interações, ele também pode ser ambíguo e determinar uma falta de entendimento quanto ao que está sendo dito.

Crawford (2003), Kotthoff (2003), Davies (2003), Strahele (1993) e Coates (2007) acreditam que a criação e o estabelecimento de solidariedade é a principal função do humor. É uma inevitável consequência da co-construção do enquadre de brincadeira já que os interagentes que colaboram na fala humorística necessariamente demonstram como estão bem afinados entre si.

Outra autora que analisa conversas entre amigos é Tannen (1984). Partindo do pressuposto que os falantes se valem de entonação, ritmo, qualidade de voz e sinais não verbais, a autora acredita que há uma sinalização do enquadre de brincadeira e, a partir daí, seus enunciados são entendidos como “não querendo dizer o literal” (Tannen, 1984:130).

Na análise de conversas durante um jantar de Ação de Graças, Tannen (1984) percebe o uso de diferentes formas de humor: o sarcasmo, que considera ter uma intenção hostil; a ironia, que pode excitar um sorriso e a piada cujo principal objetivo é entreter. Apoiada em Roy (1978), Tannen (1984) acredita que a distinção entre atos irônicos e não irônicos não é trivial, trata-se de uma distinção que esbarra no subjetivo e, portanto, a autora opta por entender um enunciado como irônico se (1) não parecer literal e (2) parecer ter a intenção de entreter.

Para Tannen (1989) as repetições, o diálogo construído e o uso de imagens e detalhes são elementos que auxiliam no processo de construção do humor. As imagens, segundo a autora, são estratégias que operam tanto no envolvimento do falante com o que está sendo dito quanto no envolvimento entre falante e ouvinte. Portanto, percebemos que estas estratégias de envolvimento operam também no

estabelecimento do enquadre de brincadeira, ajudando o ouvinte a alcançar o significado incongruente da situação de humor.

A brincadeira bem sucedida é um construto colaborativo que envolve uma interação complexa entre aquele que tem uma intenção humorística e aqueles com o potencial de resposta. A função do enquadre de brincadeira é abrangente e varia de acordo com a situação em que ocorre, podendo servir como mitigador em uma situação de discordância e também como instrumento para construção de rapport. Entendemos rapport aqui como a noção proposta por Tannen que caracteriza o envolvimento conversacional como uma conexão interna e mesmo emocional que une uma pessoa a outras, assim como a outros lugares, coisas, atividades, idéias, memórias e palavras (Tanuri, 1998:9 apud Tannen, 1989).

Ricardo Alencar (1998) analisa os quadrinhos do Gatão de Meia idade do cartunista Miguel Paiva valendo-se dos conceitos de polidez e face⁴. Apesar de não trabalhar com dados naturais de fala, característica da perspectiva Sociolinguística Interacional a qual o autor se filia, Alencar acredita que o Gatão de meia idade é um personagem construído com base numa representação de um homem comum na nossa sociedade e, portanto, a análise deste personagem possibilita o entendimento deste homem.

Alencar (1998) afirma que o Gatão procura manter a sua face de acordo com os padrões sociais vigentes e quando isso não acontece, o humor é deflagrado. O autor identifica três jogos humorísticos executados pelo personagem e conclui que estes jogos são instrumentos poderosos para a construção do humor. São eles: a) colocar o Gatão fora de face - quando o personagem adota um padrão verbal feminino ou quando as mulheres com quem interage adotam um padrão verbal masculino, o que faz com que ele adote um padrão verbal feminino; b) adotar uma face de bastidor, ou seja, o Gatão questiona as imposições de uma linha de conduta tipicamente

⁴ O conceito de *face* é entendido aqui como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma. Face é uma auto imagem do *self* que pode ser delineada em termos de atributos sociais aprovados” (Goffman,1992:77). Embora a *face* seja um conceito apropriado e interessante como instrumento de análise para a pesquisa interacional, não a utilizamos como pressuposto teórico neste trabalho.

masculina e c) perder a face diante da ameaça da falha sexual ou do envelhecimento (Alencar, 1998: 78).

A partir do trabalho de Alencar (1998) e outros que adotam o conceito de face, entendemos que a construção do humor pode estar relacionada à quebra de “padrões sociais vigentes”, o que explica a sensação de quebra de expectativa por conta do interlocutor que se encontra frente a uma tentativa de estabelecimento de enquadre de brincadeira.

No contexto institucional, Tanuri (1998) analisa o riso em interações atendente-cliente de uma empresa pública e adere à perspectiva interacional, concluindo que há certa relatividade nas funções interacionais do riso, “na medida em que não podemos analisá-lo sem levar em conta três importantes questões: a) quem ri, b) com quem ri e c) em que ambiente interacional se encontra” (Tanuri, 1998: 128).

Acreditamos, portanto, que o enfoque interacional contribui para que se conheçam os atores sociais e a construção do ambiente interacional no momento em que estão operando. Filiamo-nos a esta perspectiva por acreditar na importância e contribuição deste tipo de pesquisa que leva em conta os elementos sociais e subjetivos dos participantes.

2.3.3 O humor na Análise da Conversa

No que diz respeito ao humor, a Análise da Conversa visa entender, principalmente, a estrutura das piadas ou a formação do humor conversacional, levando em conta a troca de turnos, o envolvimento e a estrutura de participação.

Numa interação colaborativa, da onde se origina o humor conversacional, o piso conversacional, entendido como o espaço/tempo disponível para a tomada de turno dos falantes em uma interação, está aberto a potencialmente todos os membros da interação e a sobreposição dos turnos é o resultado inevitável da posse conjunta deste piso. Ao contrário do que pode ocorrer em um enquadre “Isto é sério”, no humor conversacional as sobreposições não atrapalham a interação, elas permitem

que o texto se co-construa com várias camadas de conversa nas quais os falantes demonstram essa postura colaborativa sobre o que se fala.

Jefferson, Sacks e Schegloff (1978) identificam o riso como um elemento presente no discurso de humor. Os autores postulam que o riso é diferente de outros sons que possam ocorrer na interação, por ter características sistemáticas tem status de uma atividade conversacional oficial e, portanto, pode ser acomodado à conversa de uma forma ordenada não atrapalhando a sistemática da troca de turnos⁵ (Jefferson, Sacks, Schegloff, 1987).

Uma propriedade distintiva do riso é que ele pode ocorrer simultaneamente entre vários participantes, não implicando na violação da regra de turnos individuais, uma característica dos turnos de fala é que são individuais e ocorrem um de cada vez (Sacks, 1992: 745). O riso como resposta pode funcionar como um sinalizador que permite a continuação do humor proposta pelo falante (Jefferson, 1979) ou, ao contrário, pode funcionar também para estabelecer o fechamento de um enquadre.

Humor e riso podem constituir um par adjacente, ou seja, podem formar um par de enunciados prototípicos como pergunta-resposta, cumprimento-cumprimento, oferta-aceite, etc. Neste par, a elocução de humor está na primeira parte do par e o riso na segunda (Sacks, 1974), portanto, a ausência do riso como resposta pode ser um sinal significativo da falha na tentativa do falante de estabelecer um enquadre de brincadeira.

Apesar de concordarmos com Sacks e os demais analistas da conversa quanto à propriedade ajustável à interação do riso, acreditamos que o riso não funciona, exclusivamente, como critério de definição de humor. A interpretação do riso pode ser ambígua e ele pode servir também para amenizar uma situação de desconforto. Embora exista a co-ocorrência de humor e riso, a ocorrência individual de cada um não é restrita ao contexto de humor.

⁵ Embora não filiado à Análise da Conversa, Travaglia (1990) é mais radical quanto ao entendimento do riso no humor. Para o autor, “o humor está indissoluvelmente ligado ao riso. É apenas o riso que diferencia o humor de outras formas de análise crítica do homem e da vida e de outras formas de rebelião contra o estabelecido (...) O humor não tem compromisso com o riso audível, mas tem compromisso com o riso entendido de forma mais ampla, como um movimento de satisfação do espírito” (Travaglia, 1990:66).